

RESENHA



MUSICAL

Diretor: PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

Redatora: PROFA. ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. Cons. Crispiniano, 79 - 8.º andar — S. PAULO

ANO IV

SÃO PAULO — ABRIL — 1942

NÚM. 44



**Onde os
GRANDES MESTRES
revivem...**

Animado por suas mãos de artista, o piano BRASIL reviverá os grandes mestres. É de mecanismo perfeito, de sonoridade impecável. Louvam-no os interpretes mais famosos. Encha seu lar de harmonias com esta obra prima que é o orgulho da nossa industria.

Pianos Brasil S. A.

Rua Stella, 63 — Tel. 7-5214 e 7-2274 — S. Paulo

AVISO

O presente numero não é
acompanhado de
SUPLEMENTO MUSICAL

A Direção

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Assinatura anual	20\$000
Idem, semestral	12\$000
N.º avulso c/ suplemento	3\$000
Suplemento avulso	3\$000

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artisticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, é expressamente proibido.

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial.

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrasados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

ANUNCIOS: FONE 5-4630.

Redação: Rua Cons.º Crispiniano, 79, 8.º andar — S. PAULO.

A Musica Religiosa no Brasil

SARAIVA FILHO

Da "Sociedade de Cultura Musical
do Rio Grande do Norte"

Podemos afirmar, com uma base fundamental, que, com a catequização dos nossos caboclos, iniciada pelos corajosos e intrepidos jesuitas, que desembarcaram na terra de Santa Cruz, nasceu também, o ritmo da melodia religiosa, que hoje, enriquece de uma maneira formidável os arquivos corais das igrejas dos Brasil.

A vasta documentação apresentada pelos ilustres escritores Mario da Andrade, Renato de Almeida, e outros nomes que se interessam por dados históricos da Arte dos Sons, retrata com uma perfeita nitidez, a grande obra desses missionários santos, que se destinaram a dar a sua própria vida, em favor da educação dos nossos caboclos selvagens.

Como disse Renato de Almeida, no seu precioso livro "Historia da Musica Brasileira", "tudo isto ficou nas crônicas e nada influuiu".

E de fato. Se não fosse, através da Historia do Brasil, cujos personagens influiram a dezenas de historiadores patrióticos, nos comentários cívicos e patrióticos, sobre o magestoso edificio cerebral desses missionários dinâmicos, em cujas paginas douradas se edifica uma epopéia, a Historia da Musica Brasileira, talvez, tivesse ficado esquecida, como dezenas de personagens que hoje vivem sem nenhum comentário sequer.

Através da Historia do Brasil, encontramos o

nome de Frei João da Cunha, homem de capacidade extraordinariamente elevada, que apresentou em publico o monumental drama **MISTERIO DE JESUS**, de autoria do grande Anquieta, o batalhador forte da alfabetização do Brasil.

Teria ficado na obscuridade dos fatos, o nome do padre Alvaro Lobo, se não fosse a Historia do Brasil que retrata os seus traços bibliográficos e a sua cultura física ainda quando o Brasil, era uma colonia portuguesa. Pois bem, esse nome está gravado e colorido nas paginas históricas da Musica Brasileira. Foi ele o autor dos belos dramas **ONZE MIL VIRGENS**, **DIALOGO DA AVE MARIA**, **MARTIRIO DE SÃO SEBASTIÃO** e muitos trabalhos de valor, que, pelo descuido dos nossos patrióticos, somente os nomes deles são lembrados constantemente pela capacidade culta de Renato de Almeida e Mario de Andrade, como exemplos de religiosidades musicais.

O padre jesuita, assim, trabalhou sem se cansar, em elevar o sentimento dos primeiros povos brasileiros, em conjunto com a "Carta de ABC", ainda hoje adotada pela criança que se destina a enfrentar a Vida e as consequências do mundo.

Naquele tempo, quando se fundava uma escola, era entregue ao aluno uma folha de pa-

pel com a pentagrama. Os hinos de aula representavam o pelo-sinal dos alunos. E enfim, o ABC da musica era o segundo livro de leitura.

Por falta de conhecimentos instrumentais, dos jesuitas, o canto coral servia de base para o ensino musical. Todos cantavam bonitas melodias e hinos marciais que encorajavam cada um a começar a pesada e facil tarefa de aprender a ler e escrever.

Neste momento, relembro, a mais acertada frase, que já vi em materia de educação, de autor desconhecido:

— “Não ha uma educação perfeita, sem uma alta cultura musical”. — E, ahi está um exemplo: — o Brasil, educado, patriótico e valorizado entre dezenas de paizes cultos do globo terrestre.

Em primeiro lugar, devemos isto aos jesuitas catequisadores dos primeiros irmãos patricios, que vieram com uma unica arma, que foi o Crucifixo do Senhor, pendurado ao pescoço, contra á ferocidade da ignorancia.

Nos diversos desempenhos de suas funções, sempre partia aquela onda negra de batinas, em conquista de novos horizontes. Os casebres de palha, as tabas e as proprias estradas longas, eram visitadas constantemente por aquelas almas sagradas, que iam plantar uma semente de cultura, para ali, nascer, não somente uma, mas dezenas de arvores floridas e vicejantes, que são hoje representadas pelos seus preciosissimos frutos: as inumeras bibliotécas existentes em todo o País.

Atualmente o Brasil, grande em terras, cultura e Artes, independente das outras nações amigas, ainda sente a perda daqueles pastores d'alma, que se bateram fortemente contra a inevitavel ignorancia de outrora.

É de notar, que a vinda de D. João VI, para o Brasil, não somente a Musica, como também todas as artes, tomaram o seu posto de sentinela indormida. A fundação da Escola de Belas Artes, Imprensa Oficial, Biblioteca Publica, Jardim Botânico e outras entidades de valores reais, foi trabalho de D. João VI, que apesar do seu ostracismo, ainda possuía um espirito culto e belo, isso talvez pela educação de seus mestres

na velha Europa, ou para recordar o seu palacete em Portugal, que naquele tempo vivia assistido pelas maiores celebridades artisticas.

Dentre as aventuras do monarca, nasceu uma bela incentivação pelo gosto artistico no Brasil, trazendo desta maneira um ambiente verdadeiramente musical.

*

* *

Um fato interessante, ocorreu, quando D. João VI, assistiu pela primeira vez uma Missa no Brasil. Naquela manhã de sol e radiante, na Igreja de Santo Inacio de Lóíola, seria realizado esse ato religioso, em Ação de Graças, ao qual compareceram s. magestade e seus dignos auxiliares.

Ao acenderem as primeiras velas do Altar-Mor, ecôou um côro de vozes, pelas arcadas, dos altos da referida Igreja. E lá, em cima, achava-se um grupo de meninos entoando os canticos sagrados para o **introito** da Santa Missa.

D. João VI, espirito observador, ficara abismado com aquela melodia suave, igual á de Handel, Bach, os grandes compositores de musicas religiosas alemãs.

No decorrer do Santo Sacrificio da Missa, aquela musica encantava maravilhosamente a Casa de Deus e a todos que, com penitencia, oravam aos pés do seu Patrono Santo Inacio Lóíola.

Aquela musica que deixou tanta gente admirada, era de autoria do padre José Mauricio, nascido na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1767. De origem de uma familia mestiça José Mauricio, foi uma das maiores glorias musicais brasleiras.

Alguem disse, certa vez, que “a sua Musica é extatica, não pelo jogo forçado de recursos ricos, mas pela inspiração ardente e fervorosa, que se elevava e transfigurava, no canto revelador. Daí a grandeza e sinceridade. Para ele, a musica era uma voz de liberdade que lhe comunicava o espirito com Deus, n'uma fusão misteriosa e indefinível.

A PREFERIDA

Formidável Concurso !

OUTRA CASA DE 30 CONTOS, GRATIS
SOTEIO EM 30 DE JUNHO



NÃO RASGUE O BILHETE BRANCO !
TROQUE-O PELA CHAVE-COUPON !



N'A PREFERIDA

Direita, 2 e suas filiais

José Mauricio Nunes Garcia, tocava cravo, viola, violino e era o Mestre da Capela da Catedral, nomeado com honras, pelo seu protetor El Rei D. João VI, que apesar de apreciar tanto as qualidades reveladoras do modesto músico, esse, durante a sua vida, nunca sequer pediu-lhe um favor. E assim, com o Padre José Mauricio, findou-se a primeira década dos missionários educandos, que tanta Gloria deu ao nosso querido Brasil.

Com a morte desse ilustre sacerdote, que deixou mais de duzentas composições, a musica sentiu um profundo abalo, principalmente a

religiosa que tinha tido um grande progresso durante a sua vida.

E agora, vive o Brasil, com o seu novo ritmo fervoroso e quente, com a sua musica de compassos diabolicos, tomando um rumo diferente e entrando para um periodo de Profanação!

Possuimos muitos compositores de renome no alto magisterio da Musica, mas todos se absteem de fazer musica religiosa, tão util à Educação do Povo.

Porque?...

Faltam os missionários santos.

Falta um novo José Mauricio.

Irene Mauricia de Sá

Professora de Piano

Rua 7 de Abril, 364 — apt. 2

Dr. Angelo Gayotto

— Cirurgião Dentista —

Consultas das 9 às 11 e das 2 às 5 hs.

R. João Bricola, 10 - 5.º - s. 534-535

Fone: 2-3314

Empresa

Construtora Universal

Filiais em todos os Estados e Agências no interior

Rua Libero Badaró, 103-107 — Telefone 2-4550

End. Telegr.: "Construtora" — Caixa Postal 2999

— São Paulo —



ORCHIDÊA
Schmidt

ORQUIDEAS
BRASILEIRAS
E
ESTRANGEIRAS

VISITAI MEUS ORQUIDIARIOS

Rua Augusta, 2786 — Tel. 8-3679 ou Av. Adolfo Pinheiro, 4720
SÃO PAULO

A Tarefa do Pianista

(Especial para
"Resenha Musical")

De HENRY JOLLES

O repertório de boa música para piano é inesgotável. A nenhum outro instrumento, quasi todos os grandes autores têm confiado tantos dos seus mais profundos sentimentos. A explicação disso não se baseia por motivos sociais (divulgação e aparentemente, o fácil manejo do instrumento) mas, sim, por noção artística: o cimbalão de Bach, a espineta de Mozart, o piano do tardio Beethoven; o piano de cauda muitíssimo nuançado de Mendelssohn, Schumann, Chopin e finalmente o piano de cauda para concertos de Liszt e ainda de Debussy e Stravinsky, e, também, de Rachmaninow, todos esses pianos guardam o segredo que seduz o autor a confissão dos seus mais profundos sentimentos musicais. Sómente o Quarteto de cordas e oportunamente, a "vox" humana, podem vangloriar-se do mesmo.

E como pode ser explicado este segredo num instrumento, cujo efeito baseia-se em grande parte, mecânica e material e que deixa ao pianista o momento dizemos: o carinho — até para a produção do tom? Num instrumento o que aumenta as alterações (do diése e ré bemol) que aparentemente só conhece "variações" dinâmicas do pp até ff? A técnica manual muito desenvolvida mas não ligada ao sentimento interpretativo da maior parte dos virtuosos,

e escolas de música não descobrem-nos este segredo. Poderá ela ser contrária aos seus colegas seculares dos séculos passados? Bem raro e cada vez mais raro, encontramos artistas, técnica musical e artisticamente bem dotados em gráu de igualdade que conseguem se incorporar neste segredo de atrair o ouvinte. E aqui desvenda-se o véu: o ouvinte compreende, que em geral o piano não pode falar se não houver sugestão mas o piano póde sugerir tudo que existe em cores (tons) ou possibilidades de formação. Se, por exemplo, tira-se do órgão todas as variações (registros), devem ser introduzidas no piano e as pontas dos dedos dos pianistas, em contacto com sua alma (genio) e — aí onde a peça exige — com seu coração devem sustentar sua grande responsabilidade perante a obra; os dedos formam a última iniciativa para equilibrar a beleza e verdade de uma obra, como seja um Retardando" de viver efetivamente como é prescrito, e tantas coisas mais. O que não pode tudo pairar sobre nós numa sonata de Beethoven: corneteiros, violinistas, orquestra completa, órgão, a "vox" humana, timbale, ferrinhos, e mais aqueles contrapontos confiados a cada mão, tons do cosmo de perto, de longe e outra coisa mais. Os compositores, muitas vezes, mesmo, com

VESTIDOS — MANTEAUX — CHAPÉUS
Últimas novidades para o inverno

Modas Jenny

A CASA DE MODAS DE MAIOR PRESTÍGIO NO PAÍS
152, RUA D. JOSÉ DE BARROS, 152
4.º andar (pavimento exclusivo) — TEL. 4-4537

instrumentos insuficientes, conseguiram esse poder do piano e assim se explica a riqueza que deixaram, que é tão variada e tão grande, de maneira que hoje, talvez, nenhum pianista terá a capacidade de governá-lo com a mesma perfeição. O segredo do encanto está na sugestão. Não que o ouvinte precisa sentir essa sugestão de um tom de flauta, mas sim precisa sentir a cor (tom) da idéia musical que faz conseguir a forma expressa. Cada ouvinte sensível é capaz para isso e a pergunta é mais se um artista nos nossos tempos

achará a tranquilidade equilibrada para mergulhar profundamente na obra à criar e para poder interpretá-la. Pois o piano é uma fada, porém, uma fada pérfida. Portanto o problema é bem claro: numa época em que a música volta a arte aplicada — depois de 300 anos (e porque não, porque opor-se a tal conhecimento?) é preciso conservar e sempre avivar espiritualmente as obras, em nosso caso as obras para piano daquela época, e fazer madurar a sugestão aplicada ao instrumento até a interpretação da idéia artística.

Visitem a nossa secção de **TAPEÇARIA**

Cortinas — Tapetes — Moveis
Preços Economicos

PREÇO FIXO S/A

RUA DIREITA, 250-254
S. PAULO
RUA QUITANDA, 157
SANTOS

Uma Interessante Sugestão

GENÉSIO PEREIRA FILHO

— Comentário —

Ao diretor de "Resenha Musical" escreveu o prof. Rodolfo Barbacci, professor de música em Lima, Perú, uma interessante carta, que vai transcrita e traduzida logo adiante.

Leia o nosso leitor, com atenção, o que diz o ilustre professor peruano e, forçosamente, lhe dará razão. E, por certo, não deixará de se inscrever no número daqueles que, doravante, hão de estabelecer o intercâmbio de programas e curiosidades musicais.

De fato, todo historiador tem na heurística um fator, essencial para bem interpretar os fatos passados e suas repercussões remotas e presentes. Sem uma boa documentação ele será obrigado a ficar no campo bem perigoso das hipóteses e das conclusões dúbias. Outra segurança terá seu mistério, se à sua disposição estejam documentos, que são fontes seguras, onde se irá abeberar.

Há as mais disparatadas manias neste mundo, em matéria de coleções. Conheço pessoas que colecionam moedas, selos, caixas de cigarros ou de fósforos, programas de cinema (!), carimbos, livros raros, telas, curiosidades várias, desde as mais insignificantes até às mais exóticas e dis-

paratadas. E, em muitas dessas manias há puramente o gosto, a "mania", sem qualquer fundamento util. Em outras é bem diferente o caso. Ao lado do deleite há a utilidade. E bem andou o prof. Rodolfo Barbacci, lançando a ideia de se colecionar programas de concertos e curiosidades musicais, com uma "mania" sã e util, tanto mais util quanto mais for correndo a areia do tempo...

Passemos a palavra a ele, que nos dirá melhor do assunto:

"Lima, 9 de novembro de 1941

Estimado colega prof. Clovis de Oliveira: Recebi com muito prazer 10 exemplares de "Resenha Musical", na qual figura a tradução de meu artigo "Defesa do Crítico Musical", pelo que fico muito agradecido.

Com a presente envio-lhe alguns programas de concertos, que lhe servirão para redigir algumas notícias das manifestações musicais de Lima.

Tenho uma ideia que, quiçá, poderá interessar-lhe desenvolver para a Revista.

Quase todas as pessoas mais ou menos acomodadas e cultas colecionam algo; muitas, selos, outras, fotografias, algumas, livros raros, primeiras edições, objetos diversos etc. mas a ninguém ocorre, especialmente aos músicos, colecionar progra-

mas de concertos e de boas manifestações musicais, já sejam antigos ou modernos. Considero que o colecioná-los, além de satisfazer essa inocente mania de colecionadores que todos temos e que vem explicar ainda bem os psicólogos profissionais, constitue uma fonte de instrução e curiosidades musicais mui dignas de se ter em conta; através dos programas antigos ver-se-ia como procediam os grandes compositores e executantes, quando apresentavam obras longas, em várias tempos, não as tocando todas seguidas, senão interrompendo entre tempo e tempo, para intercalar outras obras, às vezes a cargo de outros executantes; que ainda os maiores e mais apreciados solistas (Liszt, Rubini, Chopin, Paganini, etc.) não gostavam de oferecer "recitais", ou seja, audições musicais exclusivamente a seu cargo, e buscavam a colaboração artística de algum outro artista, para variar o programa, costume que foi abandonado depois e, parece, por exemplo de Liszt, que, dizem, foi a primeira personalidade artística que ofereceu um "recital"; ver-se-ia, também, nos programas antigos, a importância tipográfica que davam a tais ou quais obras, qual era a ordem preferida, que obras tocavam preferentemente os executantes célebres, com que frequência, etc. — Estes programas seriam coleções de documentos vivos para a história da música e poderiam colecionar-se em duas formas: programa original (impresso que era distribuído ao público). Cópia destes ou dos publicados pela imprensa.

Creio que mereceria interessar-se aos músicos americanos, que, atualmente, têm a sorte, única no mundo, de poder ocupar-se da arte, tranquilamente e ganhar-lhe ainda nisto a dianteira oficial aos músicos europeus, estabelecendo um serviço de troca, no princípio com programas atuais e, quando a difusão o permite, também com os antigos.

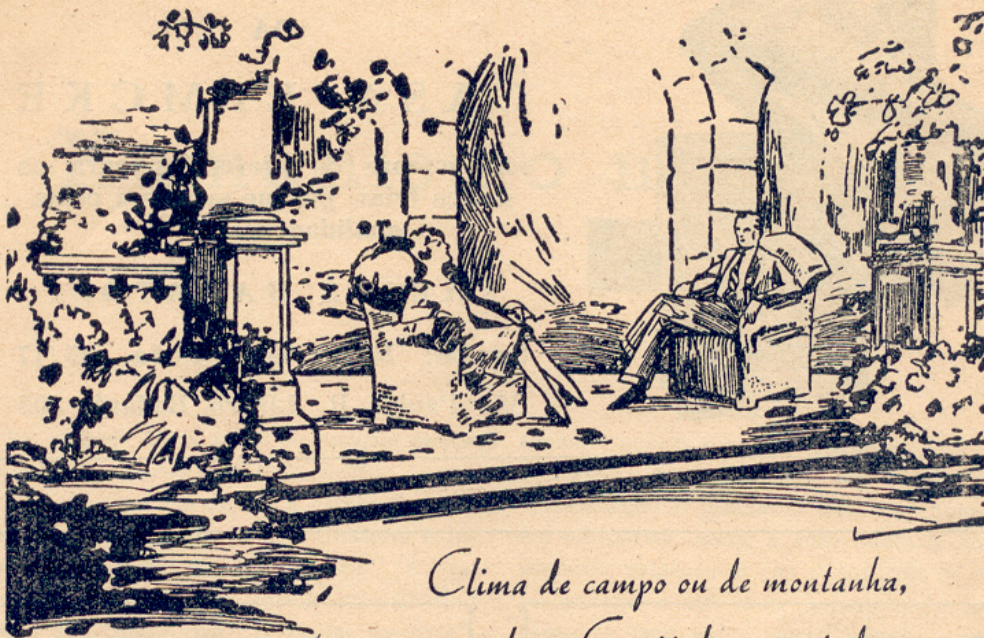
Não excludo a idéa futura de que se façam reimpressões fotográficas de progra-

mas célebres, que se editem coleções deles (possivelmente com comentários, quando os necessitem) e creio que a alta cotização e interesse que encerraria um programa de concerto poderia favorecer também o movimento cultural dos pequenos ambientes: sabendo que os programas de concertos circulam entre todos os músicos do continente, seria incentivo poderoso para apresentar concertos fora do comum: audições de obras novas, concertos históricos, de novidades, ciclo de audições "monográficas" (classifico assim a "história do Lied", da "Canção do Berço", das "Obras inspiradas nas crianças", na "agua", nas "flores", em "obras literárias", "pictóricas", etc., sobre o que escrevi há vários anos um artigo na revista musical "Clave", de Buenos Aires: "Formação de programas de concertos".) Não excludo tampouco que o comércio tipográfico poderia obter também seus benefícios no sentido da especialização na impressão de programas de luxo, adornados com exemplos musicais, com fotos e biografias de autores, impressos em forma original e recortando o papel a capricho e a fantasia. Não conheço ninguém que se ocupe disto e nem alguma publicação; desejaria ser eu o iniciador e que VV. SS. anunciem aos músicos pela primeira vez esta nova "mania colecionadora", que seria assim classificada em seu início, mas que depois constituiria, especialmente para os jovens estudantes de música uma fonte de interesse para conhecer a história das manifestações musicais de sua cidade, de sua pátria, do mundo inteiro".

.....

Assim, pois, podem ver os nossos leitores o quanto é interessante esta sugestão de Rodolfo Barbacci.

Resta que os nossos músicos não fiquem no simples aplauso e no louvor a Barbacci. É preciso agir.



Inscrições N.º 8, 11 e 14, nas 26, 44 e 54 Cirs.

*Clima de campo ou de montanha,
em plena Capital e com todo o
conforto das grandes cidades, só no*

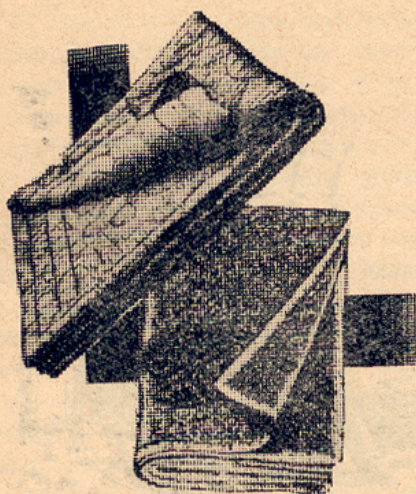
*Jardim - América
ou no
Pacaembú*

*- as duas maravilhas de urbanismo
da metrópole paulista.*

COMPANHIA CITY

A maior organização imobiliária e urbanística da América do Sul, estabelecida em S. Paulo desde 1912

89. RUA LIBERO BADARO



Cobertores e Acolchoados

DA

CASA LEMCKE

são sempre os preferidos para as
noites frias, porque superam pelas
qualidades e pelos

PREÇOS BARATOS!

Santos: Rua João Pessoa, 45/47

São Paulo: R. Líbero Badaró, 303

D. Kopenhagen

FILIAL NO RIO:

R. Buenos Aires, 52 — Tel. 43-9740

MATRIZ — SÃO PAULO:

R. Dr. Miguel Couto, 28 e 41

Telefone 3-3406

Filial: R. Barão de Itapetininga, 92

Tel. 4-39.46

FABRICAÇÃO

DE

ESPECIALIDADES

EM

MARZIPAN

E

Chocolates



Casemiras, Brins e Linhos, nos
mais variados padrões, V. S.
encontrará na

Casa Alberto

LARGO SÃO BENTO N.º 40

Fone 2-2336 — S. PAULO

RUA FREI GASPAR N.º 39

Fone 4-476 — SANTOS

Humanismo na Arte

HELIO DUARTE

“Em verdade, há no fundo de qualquer desenvolvimento das artes algo mais elevado do que às próprias artes em si; há a explicação desse seu desenvolvimento evolutivo natural e lógico; há a própria filosofia da arte”. É com estas luminosas palavras, que Licínio Cardoso abre a sua, muito sua, “Filosofia da Arte”, destinada, segundo Azevedo do Amaral, a ombrear com “Os Sertões” de Euclides da Cunha, como “as duas mais fortes expressões do pensamento brasileiro”.

Porém, mais sutil ainda, mais preñhe de significações, é a continuação do período acima exposto: “acima da “forma”, acima da “idéia” que uma obra de arte encerra, “há ainda a beleza de uma harmonia mais elevada, há o domínio superior de uma lei evolutiva”.

O ambiente gerando o meio, influe decisivamente como expressão evolutiva ou involutiva — e o clima teocrático, alimentando mas tiranizando todos os valores artísticos dos povos bárbaros, responde até certo ponto, pelas manifestações construtivas, se não únicas, ao menos principais e cujos vestígios ainda nos alcançam — os templos, quanto à arquitetura — as imagens quanto à escultura.

É assim na Grécia, como em Roma; no Egito como na Índia e na Árabia como no Império dos Maias.

Certo, há exceções grandiosas e por demais eloquentes, principalmente na Grécia e em

Roma. Naquela o antropomorfismo, como derivativo lógico e natural de um incipiente individualismo; o primórdio talvez do humanismo no mundo; nesta, a lição utilitária do engenheiro, evidenciada nas construções de caráter público e útil, como consequência espontânea de uma função social elevada e característica.

Com o incremento do cristianismo nascido e vivificado à sombra escura dos cemitérios, através de martírios e sacrifícios, retoma a arte o seu caráter coletivo por influência do novo dogma, imposto êste, pela nova teocracia, perdendo assim o caráter do bom senso e da simplicidade, para estampar então em tôdas as suas manifestações, um infantilismo espontâneo, mas severo, que lembra a sua origem nos corredores tenebrosos e húmidos das catacumbas.

Eis como podemos chegar até a explicação dos ornatos trabalhados, horríveis por vêzes, mas simbólicos sempre, e que exprimem ao par de um trabalho acurado a influência avassalante da fé indiscutida e inabalável. Ao misticismo de então acresce o nenhum conhecimento das letras. A religião deve ter sido em seus primórdios qualquer coisa de horrível, de belo-trágico, por isto, é que o simbolismo expresso através dos ornatos, gravita sempre em torno de figuras de hístriões, serpentes, figuras alegóricas dos vícios humanos, figuras diabólicas, anjos e reis. A alma coletiva do século quatorze e quinze, corporifica-se neste simbo-

lismo de duendes; resumindo nas suas polimorfias facetas um período místico-heróico, de cultores do Irreal, de adoradores do Terror. Nenhum rudimento de ciência exata e pura, ousou quebrantar a escuridão do pensamento medievo.

É com o Renascimento que surge a humanização dos santos do cristianismo, como na Grécia no século quarto surgira o antropomorfismo politeiro e que a progressão notável da riqueza ajuda e estimula. As expressões artísticas, isto é, as várias formas da representação das emoções, ganham individualidade, vivendo vida própria e independentemente da arquitetura, com uma floração tanto mais sábia quanto mais afastada da teocracia absorvente e côncava. A pintura torna-se uma arte complexa e completa, sobrepujando a escultura

graças ao desenvolvimento atingido pela técnica.

Chegamos assim aos nossos tempos. Os fâcies da nossa arquitetura, já se não prendem às leis da composição, quase sempre "formas construtivas obrigadas", e repelem inteiramente o ornato — pois o humanismo hodierno é essencialmente socialista. Domina o útil, mas o belo não é desprezado. As linhas horizontais e simples indicam um sentido de vida menos escravizado aos preconceitos e sobretudo mais repousante e mais liberal. O nível intelectual das massas, já permite a compreensão do simbolismo sintético e matemático, expresso linearmente ou em superfícies. Prescinde inteiramente do simbolismo torturado e analítico dos nossos antepassados.

Eis os sinais do nosso século.

SEU RÁDIO TEM DEFEITO ?

Concertos garantidos a preços módicos peça orçamento à

Radio Técnica Schultz

Rua Major Sertório N.º 209

Telefone: 4-4568

S. PAULO

Auro Soares de Moura Andrade

ADVOGADO

Largo da Misericórdia, 23, 10.º andar,
salas 1004/6 — Fone 2-5730 (Edifício
"Ouro por São Paulo") — S. PAULO



Botica ao Veado de Ouro

Fundada em 1858

A MAIOR E MAIS ANTIGA
FARMACIA DE S. PAULO

RUA SÃO BENTO, 219

VEAFER

fortificante

do

sangue

e

dos

nervos

A Etimologia do "Frêvo"

JOAQUIM RIBEIRO

Osório Borba, jornalista de boa têmpera, escrevendo sôbre o "fr vo" chamou a aten o dos estudiosos para o ótimo de tão curioso vocábulo.

A sua cr nica, que   interessantíssima, antes de ser lida por mim, já chegara aos meus ouvidos, pois aquele bicho **Oura-idre**, de que fala Rabelais, já me informara de que, nela, eu era denunciado como "frevista" entusiástico.

Não   mentira. Essa dansa recifense tem pacinios inconfundíveis e eu me confesso um apaixonado dela. O fr vo, antes de tudo, é um chamamento coletivo e talvez por isso exerça essa "mágica influência" sôbre os que, como eu, amam o povo nas suas realiza es espontâneas e ing nuas, primitivas e sinceras, de sabor nitidamente **folclórico**.

Osório Borba, com agudeza, analisando a origem do vocábulo e confessando que ignora se os pesquisadores da língua brasileira já fixaram o  timo, aponta **fr vo** como evidente corruptela de "fervo", por sua vez simplifica o de "fervura".

O problema, entretanto, já tinha sido, dis-

cutido por um ilustre pernambucano e erudit ssimo conhecedor da língua nacional, o sr. Rodolfo Garcia, que no seu bem feito "Dicionário de brasileirismos", publicado na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" declara ser **fr vo** "metatese de **fervo**, por **fervor**", afirmando ainda ser termo de cria o recente.

Lembra também, uma versalhada publicada em "A Província", (1913), que diz assim:

O fr vo, palavra exótica

Tudo que é bom diz, exprime,

  desigual vel, sublime,

Termo raro, bom que doe...

Vale por um dicionário

Traduz delírio, festança,

Tudo salta ,tudo dansa,

Tudo come, tudo roe...

* * *

O localismo do vocábulo afasta a origem negra. Os vocábulos negros, de regras, possuem áreas geográficas amplas e não se fixaram exclusivamente numa órbita urbana.

O fato de **frêvo** se batismo enuamente **re-
cifense**, urbano por excelência, nos permite su-
gerir um étimo algo literário. A expressão
"marcha frêvo" deve se entender "marcha
ligeira", como de fato é, aceitando-se frêvo
como corruptela de **frívolo**, cujo significado geral
é ligeiro, volúvel, etc..

Esse étimo, que surgiu só é admissível e de-
fensável, enquanto estiver assentado que o frê-
vo é criação exclusivamente urbana do Recife.

Do ponto de vista linguístico as mutações
frívolo, **frivo**, **frêvo** são aceitáveis. A queda da
última sílaba explica-se pela tendência contra

os endrúxulos. A mutação i, e tem exemplos
numeros: **scribo**, escrevo; **avaritia**, avareza; **con-
silium**, conselho, etc..

O campo das etimologias fertiliza a ima-
ginação.

O joven escritor Josué Montelo explica frê-
vo como corruptela de **febre**, o que, sem dú-
vida, não fere a fonética, mas tira a saúde de
tão sadia coreografia pernambucana...

Qual das conjecturas guarda o segredo da
origem? divergência impede uma solução defi-
nitiva. A linguagem parece ciosa de seus mis-
térios.



SERVIÇOS DE MESA

Crystaes de
Mesquita

CONSULTE-NOS SOBRE OUTROS MODELOS
ACCEITAM-SE PEDIDOS DO INTERIOR PARA
DESPACHO URGENTE E GARANTIDO

SECÇÃO DE VAREJO

RUA DO CARMO, 427 (Antiga 71)
TEL. 2-7545 - SÃO PAULO

Casa Jack

Al. Barão de Limeira, 19
(Esq. Pr. J. de Mesquita)

Telefone 4-4803



Permanentes a Oleo e Vapor
Manicures



Especialidades: TINTURAS
Aparelhos Modernos - Serviço
Bom e Rapido

CONCERTOS

CONCERTO DA ORQUESTRA DE CAMARA DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA — Sempre nos é dado a felicidade de gozarmos um bem na terra. Eis uma verdade digna de nota. Sim, porque esse bem não é apenas o usufruto do metal sonante, que, como sangue circula pelas veias da humanidade. Também, podemos gozar esse bem quando ele é arte, música como que uma ventura divina, uma benção do céu, ele, como verdadeira arte em sua fineza subjetiva, alteia a alma do homem. E, esse bem, assim pensado, e, assim acolhido, foi-nos oferecido pela Orquestra de Camara da Sociedade de Cultura Artistica, sob a regencia de Sousa Lima, no Teatro Municipal, executando um modelar programa.

Prestou seu valioso concurso o brilhante pianista Fritz Jank, que executou o Concerto de Mozart. Fritz Jank é um artista que sempre agrada porque reveste sua execução de muita seriedade tanto tecnica, como interpretativa. O Concerto de Mozart, teve em sua mãos a versão exata, cuidada, que esse virtuose, como magnifico interprete nos apresentou.

C. de O.

MARINA MENDES LEITE — Uma estréia auspiciosa a da jovem pianista Marina Mendes Leite que apresentou-se em concerto promovido pelo Departamento de Cultura, colaborando com a Orquestra Sinfonica sob a regencia do maestro Bellardi.

Escolheu para a sua primeira exibição nesta Capital, o Concerto de Mozart. Resumindo o nosso conceito a cerca dessa futura pianista, podemos dizer que agradou-nos sobremaneira sua execução vivaz coadjuvada por muita precisão ritmica.

A Orquestra do Departamento teve nessa noite uma atuação brilhante.

O maestro Armando Bellardi que vem se firmando de modo saliente na direção de grandes obras sinfonicas, teve, por sua vez, a oportunidade de colher mais aplausos para sua carreira.

C. de O.

CONCERTO DE CAMARA DO DEPARTAMENTO DE CULTURA — O Concerto do Departamento de Cultura, realizado a 24 do corrente, apresentou os notaveis conjuntos de Camara Trio São Paulo, Quarteto Haydn e Coral Paulistano, cujos podemos citar como os mais destacados do país e, talvez, não exagerando, da America do Sul.

O Trio executou Mendelssohn, op. 49 e o Quarteto Haydn, Beethoven, op. 132. Conseguiram esses dois conjuntos uma realização proporcional às realidades técnicas dessas obras, cujas dificuldades foram vencidas e substituidas por exemplar liberdade de execução, dentro da mais absoluta homogeneidade, conseguindo arrancar do numeroso auditorio, prologadas palmas.

O Coral Paulistano que, dia a dia, mais se impõe à nossa admiração, executou sempre vivamente aplaudido excelentes obras em 1.^a Audição, dentre as quais dos autores João Seppe, Cantú, e outros.

C. de O.

CONCERTO SINFONICO COM O SOLISTA HEINZ JOLLES — A 24 do corrente, o Departamento de Cultura promoveu mais um de seus concertos sinfonicos, este sob a regencia do maestro Guarneri, apresentando o eminente pianista Heinz Jolles.

Naturalmente o interesse maior consistia na parte em que participaria o ilustre pianista que, apresentado sem nenhuma propaganda, teve a ouvi-lo uma assistencia atenta que não negou seus entusiasticos aplausos a estupenda execução do Concerto em lá menor, de Schumann.

A orquestra do Departamento colaborou de modo notavel, correspondendo a regencia do maestro Guarneri.

Heinz Jolles, é um dos pianistas de grande escola. Possui uma maneira peculiar de tratar o teclado como se ele fosse um veludo; transformando-o mesmo, num veludo. Matizes admiraveis, seus dedos nos apresentam delicadamente. Seu temperamento é maravilhosamente musical. A sua execução é daquela que se gravam em nossa memoria e que nunca mais esvae-se, porque dá-nos profunda satisfação musical.

C. de O.

DUPLO SEXTETO VOCAL BRASILEIRO — A benemérita Sociedade de Cultura Artística, realizou a 28 do corrente, o seu 493.º Saráu de arte, apresentando o Duplo Sexteto Vocal Brasileiro, sob a regencia do festejado maestro Fidélio Finzi.

O programa, composto ecleticamente, pendeu mais predilétamente para as composições madrigalistas de seculos passados, cujas tiveram execução notavel por parte de seus interpretes e do maestro Finzi.

Falando das execuções, cumpre-nos pôr em destaque as das peças brasileiras, de entre as quais "Estrela é lua nova", de Vila Lobos, foi aplaudidíssima.

Se ha reparos a fazer quanto ao Sexteto Duplo, um notámos que deverá ser corrigido: a irriquietabilidade do maestro. Lógo, não é propriamente ao conjunto vocal. Isso é cousa de menos, não resta a menor dúvida mas que chega a tirar o aspéto solene de quando a execução. O maestro Finzi, é um ótimo regente coralista e o seu grupo vocal, melhorou surpreendentemente. Muito bem andou a Cultura Artística ao contratar e apresentar aos seus socios o Duplo Sexteto Vocal Brasileiro.

Prestaram seu valioso concurso os conceituados artistas Mirella Vita (harpista) e Fritz Jank (piano).

C. de O.

RECITAL DE PIANO DE ESTELINHA EPSTEIN em 30-4-42 — Um publico dos mais selectos compareceu ao Municipal para ouvir o concerto da jovem e talentosa pianista patricia, Estelinha Epstein.

Alguns dias atrás terminava ela uma luminosa "tourné" pelas capitais do Norte do país, onde, obteve justa e merecida consagração.

O reinicio de suas atividades artisticas na Capital bandeirante se realizou sob os melhores auspicios.

A execução da SONATA op. 53 (Aurora) de Beethoven e a SONATA EM SI MENOR de Liszt, do ponto de vista técnico, não deixou nada a desejar. Faltou-lhe, todavia, o sentimento e o "amoroso" que caracterizam tais peças, mormente, a segunda.

Estelinha Epstein, artista de valor incontrastavel, é arrebatada, vigorosa, energica. Por isso é ela incomparavel nos trechos que demandam qualidades dessa natureza.

Pelo mesmo motivo ainda, seu êxito foi total em LESGHINKA, dansa caucasa de Liapounow, página vigorosa, que traduz bem o temperamento eslavo.

Apesar de substancioso o programa, a encantadora artista foi obrigada a tocar mais quatro peças, também apreciadas.

Artur Melo Godói

Edições Musicais

CLOVIS DE OLIVEIRA

RONDÓ BRASILEIRO — Efisio Anedda
I. M. L. — S. Paulo — 1942:

Um Rondó Brasileiro! Estranho. Até dá-nos a impressão que o autor é estilista. Mas esse resaiço humorista em nada prejudica a obra em si, escrita para os pianistas e, por isso, essencialmente pianística. Revista pelo mestre Agostinho Cantú, o Rondó Brasileiro, de Efisio Anedda explora o ritmo nosso e temas nossos. Talvez esta tenha sido a preocupação única do A., afim de dar ambiência e satisfazer o título com que batisou-a possivelmente de antemão. Sem embargo o Rondó Brasileiro é recomendável aos pianistas em geral que nele encontrarão um arsenal de belos efeitos.

O GAROTINHO ALEGRE — O URSO DO CIRCO — JOÃO MINHÓCA — Agostinho Cantú — I. M. L. — 1942 — São Paulo:

O professor Cantú demonstrou sempre através de suas composições possuir um espírito excelentemente dotado de humor. Não desse humor comum tomado no sentido lato do termo, mas desse humor fino que espiritualisa com graciosidade suas obras. Assim foram concebidas estas três pecinhas em clave de sol, para piano, onde as crianças encontram um colorido novo, um característico novo. Estas três pecinhas são indispensáveis no catálogo escolar dos conservatórios e dos professores porque didaticamente são ótimas, fáceis e ricas de novidade musical.

EDIÇÕES G. RICORDI & CIA. (S. Paulo):
SONATA — Beethoven-Casella

Esta peça muito conhecida pela denominação "Ao luar", é uma das obras mais

divulgadas e apreciadas do mestre de Bon. A Sonata op. 27, n.º 2 (p. piano), encontra guarida no programa de todos pianistas modestos ou ilustres. Criou-se a cerca dessa obra uma ambição que todos os que tocam piano desejam satisfazer: executá-la. Portanto andou bem a Editora Ricordi publicando avulsa em revisão de Casella e tradução do texto de Lorenzo Fernandes:

VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA BRASILEIRO — F. Mignone

Alexandre Levy escreveu para piano "Variações sobre um tema brasileiro", utilizando o vulgarizado "Vem cá Bitú".

E o fez de modo extraordinário. Até hoje é uma peça que se houve com muito agrado e que desafia com suas sequentes dificuldades a técnica dos bons pianistas.

Reeditando esse episódio da vida produtiva de Alexandre Levy, Francisco Mignone compôs para violino e piano, uma obra de grande valor "Variações sobre um tema brasileiro" e para tanto usou o mesmo "Vem cá bitú". Mignone com essa oferta deu ao violinista possibilidades para demonstrar seu acabamento técnico bordando o tema com riquíssimas dificuldades. Não satisfeito estendeu ao acompanhar tais problemas técnicos que exige do nhador tais problemas técnicos que exige do pianista largos recursos em seu instru-

SONATA — F. Mignone

Não são numerosas as Sonatas escritas pelos compositores brasileiros. E, é pena que tal aconteça porquanto é uma forma musical que permite-nos conhecer com mais amplitude as qualidades artísticas de um compositor e os seus conhecimentos. Francisco Mignone, escreveu uma Sonata para piano. Esta obra vem enriquecer assim o vocabulário brasileiro do piano. O pianista encontra em suas páginas chance bastante para patentear sua ascendência. De muito efeito, os seus três movimentos (Moderato, Andantino e Moderato) são variegados.

Microfone

Genésio Pereira Filho

TABAJARA VIDIGAL

Conta a Rádio Cruzeiro do Sul, PRB-6, com um novo locutor, Tabajara Vidigal.

Nesta ligeira nota, posso dizer que a "coração" deu um "dentro", contratando Tabajara. Conheço-o desde 1937, quando ele era locutor da Rádio Clube de Jaboticabal — PRG-4 — onde eu dirigia a "Hora de Arte". Em Jaboticabal, desde a fundação da sua emissora, Tabajara foi um dos mais apreciados e queridos locutores.

Ativo, sempre se atirando a arrojadas iniciativas, é um elemento de valor e necessário nas horas de "agitação". É um entusiasmado.

De Jaboticabal Tabajara foi para Ribeirão Preto, atuando na PRA-7. Tendo estado nessa cidade em março último, pude verificar o bom nome lá deixado pelo prestimoso moço. Poços de Caldas, pela sua rádio-transmissora, também obteve o brilhante concurso de Vidigal.

E agora, ei-lo entre nós, tentando a consagração definitiva.

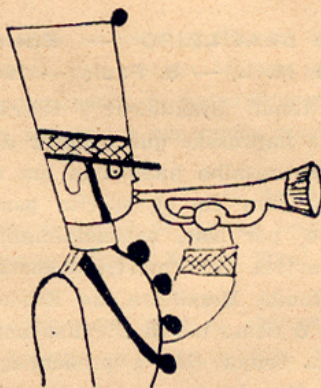
Conhecendo-o há muito, só posso prever para ele um belo futuro.

A VOZ DO BRASIL

— Ao microfone da Rádio Difusora vem atuando Jonas Garrett, um locutor já bem conhecido no interior, tendo atuado em

PASSAGEM DO BATALHÃO SINHO

— CLOVIS DE OLIVEIRA —
(para piano — duas mãos)



“A mais linda estilização dos nossos batalhões infantis”

Nova Edição — Preço: 3\$000

Pedidos à Redação de “RESENHA MUSICAL” ou às melhores casas de música

Jaboticabal, Marília, Rio Preto e Uberaba, nesta última cidade estando, ao vir para esta capital.

Jonas, posso afirmar por conhecê-lo bem, é um locutor de mérito, que poderá vir a ser um grande nome no rádio brasileiro.

— No dia 28 de abril aniversariou Francisco Bruno Sobrinho, locutor de “Estádio”, da Cosmos.

— Faleceu Fernando Lopes Gonçalves, que em Jaboticabal foi cronista radiofônico. À família do extinto — amigo e colega admirável — os pêsames do redator desta secção e de “Resenha Musical”.

— Em 17 de abril fez anos o sr. Alceu Camargo Silveira, locutor da Difusora.

— A Cruzeiro do Sul, às 19,45 de toda segunda-feira, apresenta Guilherme de Almeida em “Momento Cinematográfico”.



GLUCOSE
GERA
ENERGIA!

ASSIMILE "GLUCOSE" DIARIAMENTE NA FORMA
DE BALAS — BONBONS — CAMELOS — ETC.

O EMBLEMA É SUA GARANTIA DE
QUE O PRODUTO CONTEM GLUCOSE



NOVIDADE!
Quertzodont
CREME DENTAL
LIQUIDO

NAS FARMÁCIAS, DROGARIAS,
PERFUMARIAS, ARMARINHOS
E NAS FARMACIAS CATEDRAL:
PRAÇA DA SÉ, 152 E LARGO 7 DE SETEMBRO, 30

SEGUROS DE VIDA

na

A "São Paulo", Cia. Nacional de Seguros de Vida

Sede: Rua 15 de Novembro, 330, 4.º andar

SÃO PAULO

MODAS
para
HOMENS
e
SENHORAS

OTTO
MEIER

RUA CAIO PRADO, 375 TEL. 4-0397-S. PAULO

Especialista em calças para praia,
esporte, hípico, etc. — Confeção
fina de vestidos, manteaux e tailleurs

Suportes
Siebner
ORTOPEDISTA

Flexibilidade

Carateristico
dos nossos suportes
Um alivio para o
mal-estar dos seus pes.

RUA AUGUSTA, 2514
TEL. 8-3089-S. PAULO

Ondina Bonora
de Oliveira

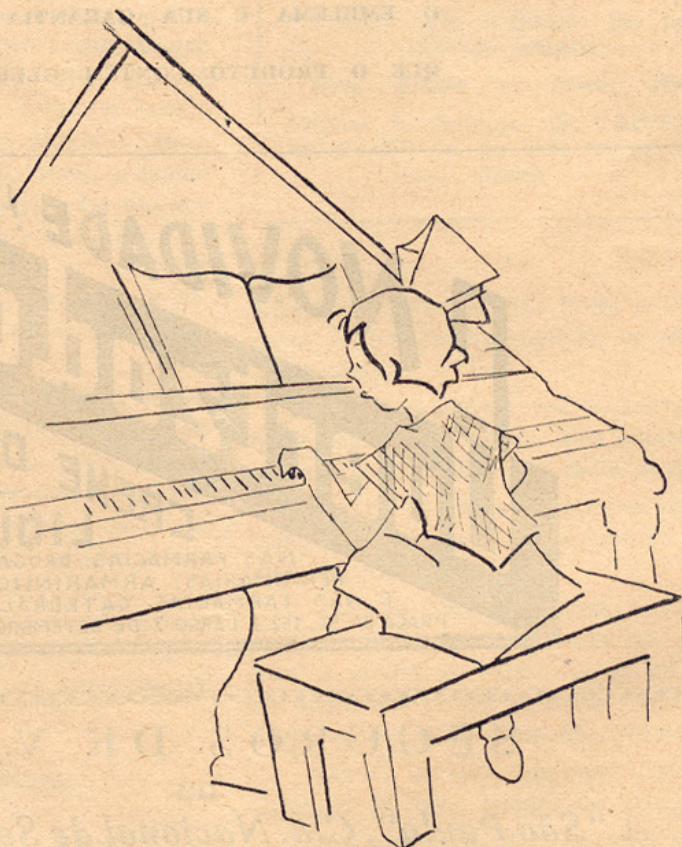
(Professora de Piano)

Ensino Es-
pecializado



Rua Dona Elisa, 50
(Perdizes)

Fone: 5-5971
S. PAULO



A Escultura Francesa Contemporanea

(Conclusão n.º anterior)

GEORGES GRAPPE

Por certo nem todos os escultores, seus contemporaneos, seguiam os erros de um academismo vazio de substância e de boa fé. Seria injusto confundir com os que o praticavam, artistas tão nobres como Dalou, Alphonse Legros, Paulo Dubois, Falguère, Eugene Guillaume, Bartholomé; os quatro últimos nos seus melhores dias. Mas era muito naturalmente, entre os jovens que o creador da "Porta do Inferno" devia abrir caminho. De ano para ano as encomendas foram vindo mais abundantes, para o artista. Necessitava de praticantes para executar certos trabalhos. Cercara-se, também, de colaboradores nos quais reconhecera talento e estes se sentiram em tão magnífica escola que, pouco a pouco, se foram tornando seus discípulos ou mais exatamente, seus copistas. Nunca, com efeito, as lições de Rodin foram didáticas. Estimulava cada um, no curso desse ensinamento, elevado e familiar, na carreira para a qual o sentisse instintivamente feito.

No primeiro plano dos seus discípulos achava-se um dos seus companheiros de mocidade, Jules Desbois, que se bem que não tivesse o gênio do seu grande amigo, não deixou de ser um dos mais notáveis escultores de sua geração, sentia-se nêlo o filho das margens do Loire que mostrava muitas vezes, em obras como "A Miséria" o "Padeiro e a Morte", uma certa rudeza nativa bem emocionante. Mas o seu maior prazer, devido às suas origens ange-rinas, era traduzir a medida e a graça e exprimir algumas das mais belas qualidades de nossa raça, uma plenitude de formas, uma perfeição de modelado que fazia pensar nos nossos escultores da Renascença e do século XVIII: sua "Léda" é deslumbrante de mocidade.

O mais ardente, o mais apaixonado de todos esses artistas que trabalhavam à sombra do grande mestre, o que manifestava a seu respeito um ruidoso entusiasmo, contrastante pelo seu ardor e uma certa jactância, com o de seus camaradas mais silenciosos, era Bourdelle, nascido em Montaubau, de uma família de escultores de madeira e talhadores de pedra.

Depois de uma permanência de dez anos na Escola de Belas Artes de Toulouse e de uma estadia em casa de Falguère, entrou para o atelier de Rodin e desde então não teve outro desejo do que tornar-se seu émulo. Por muito tempo maravilhado do seu talento maravilhoso, não pensava senão em o imitar e no dia em que declarou: "Trabalhei para Rodin e não com êle", mostrou-se esquecido, para não dizer ingrato. É que, com o tempo compreendia que não poderia igualar o mestre no seu próprio terreno e portanto lhe convinha seguir um outro. Vivendo na familiaridade do Titã, acabou por surpreender a única fraqueza do poderoso artista, vendo-o às voltas com essa construção monumental que se chama "A Porta do Inferno".

De um golpe, Bourdelle compreendeu o partido a tirar dessa descoberta e sem romper com o seu ilustre guia, colocou-se com um reclame literário mais vistoso do que concludente, como chefe de uma escultura concebida em função da arquitetura. Precisamente nessa época construía-se o teatro dos Campos Elíseos e o escultor dirigiu-se a êle para executar uma frisa: "Apolo reunindo as Musas. Esses altos relevos nada têm de comum com o que se poderia chamar "a escultura contratada" da Gré-

cia e da Idade Média. Nada existe neles que lembre os frontais de Olímpio. Da mesma forma o seu "Héracles" e a "Virgem da Alsácia" se bem que tenham sido concebidos com a pretensão de continuar, pelo renovamento, a estatuária egênica e gótica e apesar de sua atitude movimentada, não deixam de ser um pouco frios. Quando se olha o seu "Mickiewicz" constata-se até que ponto o seu desejo de atingir o heróico ultrapassou os meios com ele soubera outrora tão bem exprimir fê-lo sua magistral "Alvear".

Os mais verdadeiros discípulos de Rodin, os que conservando a própria personalidade, seguiam as lições do Mestre — e até o fim o admiraram como na sua primeira lição, foram entre outros escultores de menor grandeza porém excelentes, como Lucien Schnegg, Dejean, Haloce, Joseph Bernard Escoula, Camille Claudel, Três admiráveis estatuários cujo renome até hoje, está espalhado pelo mundo inteiro: Despian, Maillot e Pompon. Depois de terem trabalhado sem barulho, ao lado do mestre, para ganhar a vida, realizaram, a pouco e pouco, em três gêneros diferentes, a tarefa para que se sentiam destinados. Certamente, nenhum dos três possuía a imaginação criadora de Rodin que, ao prestígio de uma técnica soberana ajuntava os de uma precisão nos assentos, perfeitamente humana. Mas, no caminho escolhido por cada qual, êsses herdeiros de Alexandre conquistaram seu reinado.

Pompon, falecido há poucos anos, consagrando o seu grande talento em continuar a obra de Barye, revelou-se o mais magnífico escultor de animais que a arte conheceu desde o desaparecimento do autor do "Centauro e o Gapite".

Aristides Maillot, nascido à margem do Mediterrâneo, continuou bem o filho dessa Hélade que propagou às margens desse mar o sentido da beleza. Revela-se nele um sentimento bucólico parecido com o dos velhos cantores de idílios da Beócia e da Sicília, Hesíodo e Teócrito. Seus nus, um tanto pesados às vezes, possuem uma grandeza sadia que comove profundamente. Até nas suas menores figuras, de um encanto tão humano, se sente vibrar a al-

ma desse catalão, impregnado das virtudes do sol e das grandes lições de Rodin. Suas "Pomonas" e suas "Floras" transpiram o perfume das ervas de junho, à hora do corte embriagador.

Há em Despiou uma sobriedade de intenção e de expressão que mais do que qualquer outra impressão, prende diante de suas obras. Os meios mais simples lhe bastam para traduzir o que tem a dizer. Da sua longa familiaridade com Rodin, reteve, principalmente, a lição de que em face do modelo o artista deve obedecer à natureza, sacrificando-lhe tudo o mais. A verdade da escultura consiste essencialmente em interpretar a vida segundo certas leis inflexíveis das quais ninguém transgride sem sucumbir. Quando o artista inicia o seu trabalho não deve ceder à literatura nem ao efeito. Se quer exprimir a grandeza, se pretender crear um corpo de uma beleza divina, é pela plástica que deve alcançar êsse resultado. Traduzir a dôr, num rosto, é, antes de tudo, negócio de planos, rigorosamente, judiciosamente estabelecidos. É a exatidão da construção que dá à flor de pedra a alma de um modelo. A "Landaise", "Antonietta", "Joana", "M. Lievre" todos esses bustos de Despiou, são de uma verdade inimitável. É à luz deslumbrante de suas formas, tão harmoniosamente, tão severamente distribuída que a "Mulher Indolente", o "Apolo", o "Monumento aos mortos" de "Mont de Marsau" devem o seu acento penetrante e inesquecível.

Assim, a escultura francesa, no caminho real onde, há tantos séculos, ela penetrou, continua sem desfalecimento a sua ascensão incomparável. O grande impulso que recebeu da obra de Rodin deu-lhe uma segunda mocidade e uma pleidade de artistas novos, nutridos das grandes tradições do passado e possuidores de uma sensibilidade moderna, continua a tarefa dos seus predecessores. Aos primeiros ilustres que terminaram a sua missão, pode-se, desde já, acrescentar os nomes dos jovens escultores: Drivier, Gimond, Wléricq, Belmondo, Pommier, Guénot, Paragre Dideron. Não há a temer que o facho tombe de mãos esgotadas nem que ele se apague.

“Resenha Musical”

PÓDE SER LIDA NAS SALAS DE LEITURA DAS PRINCIPAIS
BIBLIOTECAS, DOS MAIORES HOTEIS E CLUBES DO PAIZ



USAI
NAS VOSSAS
VIOLAS, VIOLÕES,
CAVAQUINHOS,
BANDOLINS,
E GUITARRAS

AS AFAMADAS
CORDAS VERDEGAES

“Sem
Rival”



URIO BECCATO & IRMÃO

Rua do Gazômetro, 66 - Fone: 2-9977
SÃO PAULO

JPC
Papelaria Sul da Sé

TIPOGRAFIA

Impressos em geral — Encaderna-
ção, Douração, Carimbos de Borra-
cha, Alto Relevo

PAPELARIA

Completo sortimento de artigos para
escritórios, desenho e escolares. —
Importação direta

•
J. PECORA & CIA.
RUA JOSÉ BONIFACIO, 325
Telefone, 2-5399 — S. PAULO

“Resenha Musical”

Assinatura anual 20\$000
Semestral 12\$000

Rua Conselheiro Crispiniano, 79-8.º
— SÃO PAULO —

VARIAS...

8.º SALÃO PAULISTA DE BELAS ARTES — Da ilustrada Comissão Organizadora do 8.º Salão Paulista de Belas Artes, srs. João B. Ferri, José Maria da Silva Neves, João Del Nero, Paulo Valle Junior e Teodoro Braga, recebeu esta revista, um atencioso convite para comparecer ao ato inaugural realizado a 11 do corrente, na Galeria Prestes Maia, Salão Almeida Jr.

AUDIÇÃO DE ALUNOS — Realizou-se no salão nobre da Fabrica de Pianos Brasil, nesta Capital, uma esplendida audição dos talentosos alunos dos profs. Climene e Artur Kauffman.

VISITA RESENHA MUSICAL DR. LUIZ WETTERLI, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CORAL E SINFONICA DE SÃO PAULO — Acompanhado do sr. Benedito de Moraes, esteve em visita a Redação desta revista, o sr. dr. Luiz Wetterli, ilustre compositor brasileiro e ex-aluno de Alberto Nepomuceno, fundador do Conservatorio Musical de Santos e da novel Associação Coral e Sinfonica de São Paulo. Como lembrança de sua visita, o preclaro patricio deixou consignado no livro especial o seguinte termo;

AOS TRIUNFANTES VENCEDORES DA INTERESSANTÍSSIMA E MUITO INSTRU-IVA "RESENHA MUSICAL", OS DISTINTOS PROFESSORES SR. CLOVIS DE OLIVEIRA E EXMA. SENHORA, OS MEUS SINCEROS E CARINHOSOS VOTOS DE CONSTANTE E MERECIDO DESENVOLVIMENTO.

S. Paulo, 17-IV-942

(a.) Luiz Wetterli

ASSOCIAÇÃO CORAL E SINFONICA DE SÃO PAULO — Recebemos do sr. dr. Luiz Wetterli, d. d. Presidente da Associação Coral e Sinfonica de São Paulo, um exemplar dos Estatutos dessa nova entidade musical, com a seguinte delicada dedicatória: "Ao ilustre Diretor da "Resenha Musical" sr. Clovis de Oliveira a Associação Coral e Sinfonica de São Paulo, com reconhecimento pela boa cooperação inicial, carinhosamente oferece, Luiz Wetterli -- S. Paulo, 17-IV-42".

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS: — BOLETIM DA B. B. C., DE LONDRES, INGLATERRA; NOTICIOSO CATOLICO INTERNACIONAL, BUENOS AIRES; REVISTA MUSICAL, MEXICO; ORIENTACION MUSICAL, MEXICO; MUSIC EDUCATORS JOURNAL, CHICAGO, S. U. A.; CARNEGIE ENDOWMENT, NEW YORK, U. S. A.; NOVA LURDES BRASILEIRA, NITEROI.

ATENEO MUSICAL DO MEXICO — Foi nomeado Socio Correspondente dessa importante instituição em nosso paiz, fundada em 1929, por ocasião do Congresso Nacional de Musica do Mexico, sr. prof. Clovis de Oliveira, diretor de RESENHA MUSICAL, que, tambem, foi convidado para colaborar e representar no Brasil a revista "ORIENTACIÓN MUSICAL" do Mexico.



SOUZALIMA

Edição facilitada de peças celebres para piano

- | | |
|---------------------------|-----------------------|
| 1 — HAYDN | Minueto do boi |
| 2 — MENDELSSOHN | Marcha Nupcial |
| 3 — MOZART | Minueto em mi bemol |
| 4 — CHOPIN | Mazurka, op. 7, n. 1 |
| 5 — BEETHOVEN | Escosseza |
| 6 — CHOPIN | Valsa do adeus |
| 7 — BEETHOVEN | Marcha Turca |
| 8 — GLUCK | Gavotta |
| 9 — MENDELSSOHN | Canção de caça |
| 10 — CHOPIN | 15.º Prelúdio, op. 28 |

EDIÇÕES I. M. L. — SÃO PAULO

20
BRINDE

ESTÁ NA

Qualidade



Café

Palmeiras

EXTRA

FINO

TINTURARIA



SAXONIA

LAVAM — LIMPAM — TINGEM-SE

Oficina e Escritório:

Rua B. de Jaguará, 980 — Tel. 3-7214

Agência:

Rua Senador Feijó, 50 — Tel. 2-2396



Marca Registrada

TAPETES FEITOS A MÃO
Executam-se sob encomenda em qual-
quer estilo e formato

MANUFATURA DE TAPETES

Santa Helena Ltda.

Matriz — São Paulo

R. ANTONIA DE QUEIROZ, 183

Fone: 4-1522

Filial — Rio de Janeiro:

R. DO OUVIDOR, 123 — 1.º ANDAR

Fone: 22-9054